

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE CARAÚBAS
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LETRAS INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (2024)**

A INDEPENDÊNCIA FEMININA NAS OBRAS *JANE EYRE* E *WIDE SARGASSO SEA*

Maria Luiza Fernandes Mariano¹

Pedro Felipe Martins Pone²

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar os romances *Jane Eyre* (1847), de Charlotte Brontë (1816-1855), e *Wide Sargasso Sea* (1966) de Jean Rhys (1890-1979), que emergem como duas narrativas que exploram profundamente a jornada das protagonistas, Jane e Antoinette, respectivamente, em busca de independência e autodeterminação. Especificamente, os objetivos incluem: mapear as representações dos papéis femininos nos romances supracitados, levando em conta os contextos sociais e históricos; analisar quais os meios que poderiam tornar a independência das mulheres possível nas épocas representadas e; comparar as formas como a postura de mulher independente das protagonistas de *Jane Eyre* e de *Wide Sargasso Sea* afetam e descentralizam os personagens masculinos de seu protagonismo social. A fundamentação teórica deste estudo se baseia nas contribuições de algumas autoras, tais como Gilbert e Gubar (2000), Pell (1977) e Mardorossian (1999), cujas contribuições teóricas fornecem o diálogo necessário para embasar essas discussões. As análises demonstram como o envolvimento das protagonistas com a figura masculina contribui para a jornada de independência de ambas.

PALAVRAS-CHAVE: Independência; Romance Vitoriano; Literatura feminina; Literatura Comparada.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the novels *Jane Eyre* (1847), by Charlotte Brontë (1816-1855), and *Wide Sargasso Sea* (1966), by Jean Rhys (1890-1979), which emerge as two narratives that deeply explore the journey of their protagonists, Jane and Antoinette, respectively, in search of independence and self-determination. Specifically, the objectives include: mapping the representations of the female role in the aforementioned novels, taking into account the historical and social contexts; analyzing which means could make women's independence possible in the historical periods represented and; comparing the ways in which the agency of the protagonists of *Jane Eyre* and *Wide Sargasso Sea* affect and decentralize the male characters from their social protagonism. The theoretical foundation of this study is based on the contributions of some authors, such as Gilbert and Gubar (2000), Pell (1977) and Mardorossian (1999), whose theories provide the dialogue to support these discussions. The analysis shows how the protagonists' involvement with the male figure contributes to their journey of independence.

KEYWORDS: Independence; Victorian novel; Women's literature. Comparative Literature.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

¹ Graduanda de Letras inglês pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).

² Doutor em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Professor Adjunto de Literaturas de Língua Inglesa do Departamento de Linguagens e Ciências Humanas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (DLCH-UFERSA).

Os romances *Jane Eyre* (1847), de Charlotte Brontë (1816-1855), escritora inglesa, e *Wide Sargasso Sea* (1966), de Jean Rhys (1890-1979), escritora dominiquesa, contam histórias de personagens femininas fortes e determinadas para o século em que vivem. De acordo com Grossel e Souza (2022), a literatura de autoria feminina pode ser uma ferramenta para a reivindicação social e, nesse sentido, a construção ficcional de textos escritos por mulheres trazem para o centro perspectivas femininas e, portanto, suscitam discussões acerca dessa experiência a partir das próprias mulheres. Neste artigo, o foco está na representação da independência das protagonistas femininas das obras mencionadas acima, a saber Jane e Antoinette, respectivamente.

Nesse contexto, os romances *Jane Eyre* e *Wide Sargasso Sea*, emergem como duas narrativas que exploram a jornada das protagonistas em busca de independência e autodeterminação, com mulheres que desafiam as normas sociais de sua época e lutam por uma voz e um espaço próprio em um mundo dominado por estruturas patriarcais.

Nossa finalidade é comparar os dois romances, com foco na construção da independência da personagem feminina. Para tal, mapeamos as representações de papel feminino em *Jane Eyre* e em *Wide Sargasso Sea*, analisaremos quais os meios que poderiam tornar a independência das mulheres possível nas épocas representadas e compararemos as formas como a postura de mulher independente das protagonistas Jane e Antoinette afeta e descentraliza as personagens masculinas.

Sendo assim, considerando o fato de *Wide Sargasso Sea* ter sido escrita como se fosse uma *prequel* de *Jane Eyre*, e que traz em sua narrativa a história de Antoinette (Bertha), a mulher caribenha trancada no sótão por ser diferente de uma dama europeia e, considerando o fato de que tanto a Antoinette, de Jean Rhys, quanto a Jane, de Charlotte Brontë terem desafiado o domínio masculino de Rochester, este trabalho abre espaço para duas lacunas: uma delas é investigar o viés que tornava a independência feminina possível nas épocas representadas; a outra é analisar se as personagens femininas dessas duas obras possuem algum tipo de independência sem terem suas existências atreladas à figura masculina.

Para tal, nossa pesquisa é qualitativa e bibliográfica, valendo-se de duas categorias cunhadas por Rejane Pivetta de Oliveira (2009), em seu artigo Pesquisa Literária em Foco: tendências, possibilidades e impasses, a saber: aplicação teórica, ou seja, “privilegiam a obra em si mesma, em seus elementos construtivos e/ou em comparação com outros textos e manifestações de linguagem, valendo-se de aportes conceituais “aplicados” à leitura das obras” (Pivetta de Oliveira, 2009, p. 6); análise sócio-histórica, ou seja, “interpretações de

obras (literárias e na relação destas com outras manifestações artísticas ou gêneros), tendo em vista a relação com o contexto exterior, ou seja, a realidade representada na obra” (Pivetta de Oliveira, 2009, p. 6)

2 NOSSAS TEORIAS

A fundamentação teórica deste estudo se baseia nas contribuições de alguns autores, tais como Gilbert e Gubar (2000), Pell (1977) e Mardorossian (1999), cujas teorias fornecem informações necessárias para embasar essas discussões. Essa fundamentação será dividida em três partes, sendo a primeira sobre a obra *Jane Eyre*, a segunda sobre o *Wide Sargasso Sea*, e a terceira parte analisando e comparando as duas obras seguindo o viés da independência feminina de ambas as personagens.

2.1 Jane Eyre

Jane Eyre é um romance inglês escrito por Charlotte Brontë, publicado pela primeira vez em 1847, sob o pseudônimo de Currer Bell. O foco principal dessa obra gira em torno de Jane, uma jovem que ao longo de sua vida luta por melhores condições e independência, sempre sendo crítica a ordens de pessoas hierarquicamente superiores. No enredo, Jane é uma órfã deixada aos cuidados de sua tia, morando com ela com e seus primos, que lidam com a protagonista com extremo desprezo. Cercada por um ambiente hostil e sem amor, Jane torna-se uma criança corajosa, destemida, e independente e isso, aos olhos de sua tia, causava grandes problemas. Jane, posteriormente, é levada para Lowood, um orfanato para garotas, onde permanece durante o resto de sua infância, adolescência e início da vida adulta, quando, então, decide procurar outro emprego e começa a trabalhar como preceptora (*governess*)³ na mansão Thornfield Hall e, assim, conhece o misterioso Edward Fairfax Rochester. Pell (1999) menciona que: “Em *Jane Eyre*, o individualismo romântico e a rebelião de sentimentos de Charlotte Brontë são controlados e estruturados por uma crítica social e econômica subjacente à autoridade patriarcal burguesa”⁴(Pell, 1999, p. 399, tradução nossa). A partir desta reflexão, poderíamos inferir que Jane estaria indo contra aquilo que construiu como caráter durante sua

³ A palavra *governess* é um falso cognato, dando a ideia de governanta, mas era uma profissão de preceptora, ou seja, a pessoa responsável pela educação das crianças das casas de famílias com condições para pagar por tal serviço.

⁴ No original; In *Jane Eyre* Charlotte Brontë's romantic individualism and rebellion of feeling are controlled and structured by an underlying social and economic critique of bourgeois patriarchal authority.

juventude, ou seja, a independência daquilo que possa ser opressor, vindo de vozes hierarquicamente superiores. Isso se reflete em seu comportamento perante a tia, Rochester e ao Primo St. John.

No entanto, é possível perceber que, mesmo havendo uma clara superioridade econômica do patrão, Jane sempre se impôs para ser tratada como uma igual: “Ri dele enquanto ele dizia isto. “Não sou um anjo”, afirmei; ”e não o serei até morrer; serei eu próprio, Sr. Rochester; não deve esperar nem exigir nada de celestial de mim, pois não o obterá, tal como eu não o obterei de ti, o que não prevejo de todo.” (Brontë, 2020, p. 396).⁵

Cabe salientar, também, que Gilbert e Gubar (2000) destacam o fato de que os homens detinham o poder literário e toda a vantagem para escrever, sendo assim, tanto na ficção quanto na sociedade vigente da publicação de *Jane Eyre*, era considerado incomum que uma mulher pudesse pensar igual aos homens e até mesmo escrever coisas relevantes, tanto é que a autora desta obra escreveu sob um pseudônimo masculino. Gilbert e Gubar (2000) mencionam que no século XIX o medo da mulher intelectual era tão grande que foi um fenômeno registrado nos anais por médicos, tendo em vista que mulheres pensantes eram consideradas uma violação da natureza, ocorrendo inclusive o fato de que um médico de Harvard relatou durante uma autópsia de uma graduanda de Radcliffe, que o útero dela havia murchado significativamente por pensar.

Talvez esse seja um dos motivos que fizeram com que a obra *Jane Eyre* fosse recebida entre críticas e elogios na sociedade da época, onde a ênfase principal sempre deveria ser do herói masculino. De acordo com Gilbert e Gubar (2000, p.23):

Para as senhoras, os escritores de tais livros de conduta asseguravam a elas que "há regras para todas as nossas ações, até mesmo para dormir com uma boa graça". E era-lhes dito que esta boa graça era um dever da mulher para com o seu marido, porque "a mulher deve o seu ser ao conforto e proveito do homem, é muito razoável que ela seja cuidadosa e diligente para o contentar e agradar". (Gilbert; Gubar, 2000, p. 23, tradução nossa).⁶

Desde criança as mulheres deviam ser criadas sob uma educação voltada a ser uma boa esposa, amável e submissa. Era comum que os livros escritos naquela sociedade fossem voltados para o que se esperava do comportamento feminino. Na ficção, percebemos esse dado da realidade na infância de Jane, como no trecho em que sua tia a repreende chamando-a

⁵ No original: I laughed at him as he said this. ‘I am not an angel,’ I asserted; ‘and I will not be one till I die: I will be myself. Mr. Rochester, you must neither expect nor exact anything celestial of me—for you will not get it, any more than I shall get it of you: which I do not at all anticipate.

⁶ No original: [...] if Woman owes her Being to the Comfort and Profit of man, 'tis highly reasonable that she should be careful and diligent to content and please him.

de mentirosa e ela responde com: “Não sou mentirosa; se fosse, diria que te amo; mas declaro que não vos amo: detesto a senhora mais do que qualquer outra pessoa no mundo, exceto John Reed; e este livro sobre ser mentirosa, pode dar à vossa menina, Georgiana, pois é ela que conta mentiras, e não eu.”⁷(Brontë, 2020, p. 50-51, tradução nossa).

Desde a infância, Jane sentia-se livre para demonstrar suas opiniões, e isso não era comum ao gênero feminino na época, considerando que ela deveria somente obedecer a quem era superior. Quando contraposta à figura masculina, Jane, mesmo muito apaixonada por Rochester, seguiu suas convicções durante todo o enredo. Gilbert e Gubar (2000) destacam uma passagem de Jane, na qual ela menciona que não suportaria ser vestida como uma boneca por Mr. Rochester, essa seria uma metáfora para externalizar que ela continuava tendo desejos próprios independentemente do homem que ela tinha sentimentos. O fato é que, para a época, mostrar vontades próprias já era considerado algo incomum para as mulheres, o orgulho e modos de Jane poderiam ser equiparados ao dos homens e por isso o livro gerava controvérsias, como destacam Gilbert e Gubar:

No entanto, curiosamente, parece não ter sido principalmente a grosseria e a sexualidade de *Jane Eyre* que chocou os críticos vitorianos (embora não gostassem desses elementos no livro), mas, como vimos, a sua recusa “anticristã” aceitar as formas, os costumes e os padrões da sociedade – em suma, o seu feminismo rebelde. Eles foram perturbados não tanto pela orgulhosa energia sexual byroniana de Rochester, mas pelo orgulho e paixão byroniana da própria Jane, não tanto pelas vibrações sexuais anti-sociais entre herói e heroína, mas pela recusa da heroína em se submeter ao seu destino social. (Gilbert; Gubar, 2000, p. 338, tradução nossa).⁸

O desejo final das mulheres deveria ser o casamento ou o final feliz com o seu companheiro, porém, na história de Jane, é possível notar que ela busca sua maturidade individual, tanto que o seu final com Rochester acontece somente quando ela volta após receber uma herança e se considera uma mulher independente.

2.2 Wide Sargasso Sea

⁷ No original: I am not deceitful: if I were, I should say I loved you; but I declare I do not love you: I dislike you the worst of anybody in the world except John Reed; and this book about the liar, you may give to your girl, Georgiana, for it is she who tells lies, and not I.

⁸ No original: Yet, curiously enough, it seems not to have been primarily the coarseness and sexuality of Jane Eyre which shocked Victorian re-viewers (though they disliked those elements in the book), but, as we have seen, its "anti-Christian" refusal to accept the forms, customs, and standards of society-in short, its rebellious feminism. They were disturbed not so much by the proud Byronic sexual energy of Rochester as by the Byronic pride and passion of Jane herself, not so much by the asocial sexual vibrations between hero and heroine as by the heroine's refusal to submit to her social destiny: "She has inherited in fullest measure the worst sin of our fallen nature-the sin of pride," declared Miss Rigby.

Wide Sargasso Sea, como dito anteriormente, é um *prequel* pós-colonial⁹ da obra *Jane Eyre*. O romance gira em torno de Antoinette Cosway, porém em *Jane Eyre* essa personagem é conhecida como Bertha Mason. A história se ambienta, primeiramente, na Jamaica pós-libertação dos escravos e, posteriormente, na Inglaterra. Antoinette é uma jovem *creole*¹⁰. Sua família passa por grandes dificuldades, por conta da perda do provedor da casa e das tensões sociais e raciais da época. Após um período conturbado, sua mãe casa-se com Mr. Mason, que possuía boas condições financeiras e assim garante um futuro melhor para Antoinette e sua família. Antoinette fica sob os cuidados de Mr. Mason após a morte da mãe e é o padrasto que planeja o casamento dela com um homem sem nome, mas que, pelas características, sabemos se tratar do Rochester de *Jane Eyre* em sua juventude.

O livro é contado sob a ótica dos dois personagens, em alguns momentos a partir da visão de Antoinette, e outros pela visão do personagem masculino. Mardorossian (1999) define algumas características de Antoinette como fragmentada, insegura e desorientada e que a protagonista parece existir meramente através da linguagem e valores controversos dos outros e, principalmente, de sua mãe, gerando uma ausência de consciência crítica e social da personagem em relação aos acontecimentos do seu meio de convívio. Outro destaque que a autora faz é sobre as questões culturais e sociais não são abordadas de forma positiva, apenas de maneira negativa:

Wide Sargasso Sea coloca em primeiro plano a resistência negra sem, no entanto, oferecer acesso imediato a “tradições negras” alternativas ou a um contradiscurso a um modo de conhecimento imperialista. O romance não celebra uma articulação não problemática do mundo das Índias Ocidentais do ponto de vista creole negro, nem coloca a resiliente Christophine no papel da individualista autodeterminada que Antoinette não conseguiu se tornar. Em vez disso, destaca as formas como a agência creole negra foi principalmente identificada como criminalidade e afirmada não tanto por si mesma, mas para justificar a subjugação e obscurecer a dominação branca. (Mardorossian, 1999, p. 1078, tradução nossa).¹¹

⁹ Para Nayar (2010), a teoria pós-colonial é um método de leitura e crítica da visão cultural e de práticas coloniais.

¹⁰ Pode-se definir como uma pessoa branca descendente de um povo específico, no caso uma mistura de etnias, uma ascendência mista.

¹¹ No original: *Wide Sargasso Sea* foregrounds black resistance without, however, offering unmediated access to alternative "negro traditions" or to a counterdiscourse to an imperialist way of knowing. The novel neither celebrates an unproblematic articulation of the West Indian world from the black creole point of view nor puts the resilient Christophine in the role of the self-determining individualist Antoinette failed to become. Rather, it highlights the ways in which black creole agency was primarily identified as criminality and affirmed not for its own sake so much as to justify subjugation and obscure white domination.

O romance dá um grande destaque para os problemas que envolveram as questões colonialistas e da resistência negra naquele ambiente, mas pelo filtro negativo de percepção da personagem branca. Antoinette, em vários momentos, nega suas origens e mantém uma impressão de repúdio em relação a sua descendência, por conta de a principal causa do problema que gerou a loucura de sua mãe foi o incêndio em sua casa, causado pelos ex-escravizados que viviam na região e buscavam uma forma de se vingar dos colonizadores, que contribuíram para a escravidão daquele povo.

O uso de estereótipos por parte de Mason e Rochester expõe a sua arrogância e paternalismo e mostra que a abolição da escravatura está longe de erradicar o conjunto de atitudes de que depende o conceito de inglesidade. Os *creoles* brancos são cúmplices deste discurso hegemônico na medida em que também se baseiam neste tipo de generalizações grosseiras (embora geralmente por medo ou raiva). (Mardossian, 1999, p. 1084, tradução nossa).¹²

As opiniões de Mason e do companheiro de Antoinette tornavam-se hegemônicas, não somente por serem homens, mas também por serem ingleses em terras colonizadas. “Rochester não menciona nenhuma vez a morte de seu pai e irmão como razões de sua partida, mas, em vez disso, repete obsessivamente seu desconforto em relação à paisagem e ao povo caribenho” (Mardossian, 1999, p. 1087, tradução nossa). Independente das vontades de sua esposa, Rochester decide ir embora das terras caribenhas, tanto devido a uma cultura desconhecida como para distanciar-se daquele ambiente, culminando após isso para o desconforto travestido de loucura de Antoinette na Europa.

2.3 A independência feminina nas obras *Jane Eyre* e *Wide Sargasso Sea*

Jane Eyre é um romance do século XIX, com estrutura temporal contemporânea à da escrita, enquanto *Wide Sargasso Sea* é um romance publicado em 1966 que passa na Jamaica e na Inglaterra durante a década de 1830. Podemos entender a independência feminina nesses contextos como a busca da maturidade das personagens utilizando as armas que tinham a disposição em seus contextos opressores. Ambas as protagonistas se envolvem com o mesmo homem (Rochester) em épocas diferentes e em locais diferentes. O fato é que essas duas personagens têm algumas semelhanças, tanto que há espaço para interpretar que a Bertha do

¹² No original: Mason's and Rochester's use of stereotypes exposes their arrogance and paternalism and shows that the abolition of slavery has far from eradicated the set of attitudes on which the concept of Englishness depends. The white Creoles are complicitous with this hegemonic discourse insofar as they too rely on this type of gross generalizations (although usually out of fear or anger).

romance *Jane Eyre* seria a personificação da própria Jane, um duplo¹³ da protagonista. Gilbert e Gubar (2000) mencionam:

a louca na literatura feminina não é apenas, como poderia ser na literatura masculina, uma antagonista ou contraponto à heroína. Em vez disso, ela é geralmente, em certo sentido, o duplo do autor, uma imagem de sua própria ansiedade e raiva. Na verdade, grande parte da poesia e da ficção escrita por mulheres evoca esta criatura louca para que as autoras possam aceitar os seus próprios sentimentos de fragmentação, exclusivamente femininos, o seu próprio sentido aguçado das discrepâncias entre o que são e o que são, deveria ser. (Gilbert; Gubar, 2000, p. 78, tradução nossa).¹⁴

Em *Jane Eyre*, esse duplo abre espaço para interpretar que a Bertha presa no sótão poderia ser em certo sentido uma personalidade escondida em Jane, uma parte dela que desde a infância é adormecida pelas demandas de sua vida social e comportamento adequado. Bertha seria a fúria que a pobre menina órfã nunca conseguiu de fato externalizar.

Bertha, em outras palavras, é o duplo mais verdadeiro e sombrio de Jane: ela é o aspecto raivoso da criança órfã, o feroz eu secreto que Jane vem tentando reprimir desde seus dias em Gateshead. Pois, como aponta Claire Rosenfeld, “o romancista que explora consciente ou inconscientemente os duplos psicológicos” frequentemente justapõe “dois personagens, um representando a personalidade socialmente aceitável ou convencional, o outro externalizando o eu livre, desinibido e muitas vezes criminoso. (Gilbert, Gubar, 2000, p. 360, tradução nossa).¹⁵

A louca do sótão não é uma personagem que foi totalmente desenvolvida em *Jane Eyre*, com sua gênese e justificativas estando presentes em *Wide Sargasso Sea*. É pela obra de Rhys que podemos dizer que o casamento de Antoinette e Rochester foi arranjado, mas, ainda assim, Antoinette gostava do marido, mesmo com toda a repulsa dele por ela e pelo lugar em que viviam. Com o passar da narrativa, aparece um irmão bastardo de Antoinette que conta sobre a doença da loucura da mãe, apenas dando ao marido o viés de confirmação para que ele a enquadre como insana. Mardorossian (1999) menciona:

¹³Pode ser definido como um personagem duplicado ou refletido por outro que representa aspectos ocultos, distintos ou semelhantes de sua personalidade.

¹⁴No original: [...]the madwoman in literature by women is not merely, as she might be in male literature, an antagonist or foil to the heroine. Rather, she is usually in some sense the author's double, an image of her own anxiety and rage. Indeed, much of the poetry and fiction written by women conjures up this mad creature so that female authors can come to terms with their own uniquely female feelings of fragmentation, their own keen sense of the discrepancies between what they are and what they are supposed to be.

¹⁵No original: Bertha, in other words, is Jane's truest and darkest double: she is the angry aspect of the orphan child, the ferocious secret self Jane has been trying to repress ever since her days at Gateshead. For, as Claire Rosenfeld points out, "the novelist who consciously or unconsciously exploits psychological Doubles" frequently juxtaposes two characters, the one representing the socially acceptable or conventional personality, the other externalizing the free, uninhibited, often criminal self.

Não importava o que Christophine (empregada particular de Bertha) ou Antoinette dissessem, as suas declarações eram filtradas e se consolidaram como um discurso colonialista cujas premissas e prescrições de Rochester não se podiam questionar. Quando Antoinette conta ao marido “a verdade” (o que ela chama de “o outro lado” [128] da história de sua mãe), sua narrativa impressionista serve apenas para confirmar as visões pré-estabelecidas de Rochester e as suspeitas estimuladas pelas alegações de Daniel Cosway.) (Mardorossian, 1999, p. 1081, tradução nossa).¹⁶

As mulheres da época não tinham a menor autonomia ou voz, como acontece com a mãe de Antoinette, quando tenta persuadir Mr. Mason a sair do lugar em que viviam devido à raiva dos ex-escravizados. Da mesma forma, acontecia com Antoinette após casar-se com Rochester, tornando-se a sombra do marido e tendo que obedecer a todos os seus comandos. Após a morte de seu pai, Rochester decide ir embora, levando a esposa para longe de seu local de origem e afastando ela de todos que conhece e, consequentemente, o estado mental de Antoinette piora e, gradativamente, dá espaço à “louca do sótão”.

3 A REPRESENTAÇÃO FEMININA EM *JANE EYRE*

A protagonista Jane mostra, desde sua infância, ter um temperamento diferente do que se esperava de qualquer menina de sua época, por ser criada de favor por sua tia, era esperada sua submissão, o que não acontecia. A partir do momento que ela sai de Gateshead e vai para um orfanato em Lowood, Jane começa sua jornada de independência e maturidade. Após viver longos anos lá, e já adulta, ela começa a trabalhar no local em que cresceu como professora. Desde o início Jane mostrava que tinha vontade de viver coisas novas:

Agora lembrava-me que o mundo real era vasto, e de que um campo variado de esperanças e medos, de sensações e excitações, aguardava aqueles que tinham a coragem de ir para a sua extensão, para procurar o verdadeiro conhecimento da vida no meio dos seus perigos. (Brontë, 2020, p. 129, tradução nossa).¹⁷

Depois do tempo presa em Lowood, a protagonista procurava por um novo ambiente. “Desejava liberdade, ansiava pela liberdade; pela liberdade pedi em uma oração, parecia se

¹⁶ No original: No matter what Christophine or Antoinette say, their utterances are filtered through and consolidate a colonialist discourse whose premises and prescriptions Rochester cannot question. When Antoinette tells her husband “the truth” (what she calls “the other side” [128] of her mother’s story), her impressionistic narrative only serves to confirm Rochester’s pre-established views and the suspicions stimulated by Daniel Cosway’s allegations.

¹⁷ No original: “[...]now I remembered that the real world was wide, and that a varied field of hopes and fears, of sensations and excitements, awaited those who had courage to go forth into its expanse, to seek real knowledge of life amidst its perils.”

dispersar no vento suave”¹⁸ (Brontë, 2020, p.129-130, tradução nossa). Nesta citação, Jane dá ênfase em seu desejo por liberdade e mudança. Aparentemente, na época descrita no livro, a independência de uma mulher que não tinha muito dinheiro e que não tinha casado era buscar um local para servir, e no caso de Jane, por ter uma boa educação ela poderia ensinar outras crianças.

Jane menciona algumas vezes o desejo de servir em outro lugar como nessa passagem: “Servi aqui oito anos; agora só quero servir noutro lugar. Não poderei conseguir isso por minha própria vontade? Não é viável? Sim, sim, o objetivo não é assim tão difícil; se eu tivesse um cérebro suficientemente ativo para descobrir os meios de o alcançar.” (Brontë, 2020, p. 131, tradução nossa).¹⁹

Jane decide colocar um anúncio buscando emprego em um jornal, que era uma das maneiras para quem não tinha muitos contatos. Mesmo com uma vida instável em Lowood, ela buscava por algo diferente. Após isso, ela recebe uma carta com a proposta de trabalhar em Thornfield e, então, ela ganha o poder de decidir por conta própria os rumos de sua vida: “Desejava ir para onde houvesse vida e movimento.”²⁰(Brontë, 2020, p. 135, tradução nossa)

Após partir para seu novo destino, Jane se vê sozinha e independente no mundo, podemos dizer que a principal característica que guia essa protagonista em sua jornada é o orgulho:

É uma sensação muito estranha para a juventude inexperiente sentir-se completamente sozinha no mundo, afastada de todas as ligações, incerta de que se pode chegar ao porto a que se dirige e impedida por muitos impedimentos de regressar ao que abandonou. O encanto da aventura adoça essa sensação, o brilho do orgulho aquece-a; mas depois o palpitar do medo perturba-a; e o medo tornou-se predominante para mim quando passou meia hora e continuei sozinha. (Brontë, 2020, p. 143, tradução nossa).²¹

Na citação acima, Jane tinha chegado em uma cidade chamada Millcote, estava bem acomodada, mas não tinha ninguém para recebê-la e isso fez com que um certo medo aparecesse. Ela era uma jovem sem muitas experiências além dos muros de Lowood, mas sua

¹⁸No original: I desired liberty; for liberty I gasped; for liberty I uttered a prayer; it seemed scattered on the wind then faintly blowing.

¹⁹ No original: I have served here eight years; now all I want is to serve elsewhere. Can I not get so much of my own will? Is not the thing feasible? Yes—yes—the end is not so difficult; if I had only a brain active enough to ferret out the means of attaining it.

²⁰ No original: “I longed to go where there was life and movement”

²¹ It is a very strange sensation to inexperienced youth to feel itself quite alone in the world, cut adrift from every connection, uncertain whether the port to which it is bound can be reached, and prevented by many impediments from returning to that it has quitted. The charm of adventure sweetens that sensation, the glow of pride warms it; but then the throb of fear disturbs it; and fear with me became predominant when half-an-hour elapsed and still I was alone.

coragem e vontade de desbravar um novo mundo era o que guiava nessa busca por autonomia. Seu orgulho não a permitiria voltar ao seu local de início sem conseguir provar-se como mulher independente. Logo após esse momento, um criado apareceu e a levou até Thornfield.

Como outrora mencionado, a busca da independência de Jane está de mãos dadas com as possibilidades que se tinha na época, então, o feito de sair das expectativas de atrelamento matrimonial e de submissão à própria família, buscando algo novo em terras estranhas é sim um grande feito para uma mulher no século XIX.

Chegando em Thornfield, Jane conhece a Sra. Fairfax, governanta da casa, e sua futura pupila, Adele, além de ser comunicada sobre informações importantes da mansão onde irá trabalhar, também descobre que seu patrão chama-se Rochester. Após alguns dias, Jane conhece Rochester e, a partir daí, envolve-se em uma trama que desembocará em um envolvimento romântico.

A existência de uma figura masculina em relacionamento romântico parece contraditória com a existência de uma noção de independência feminina. Contudo, como debateremos mais a frente, não é o relacionamento em si que torna Jane fraca, pois o termômetro de sua independência está justamente em seu comportamento considerando esta interação.

O romance tem um cenário sombrio, com uma espécie de mistério rondando Thornfield. Jane escuta risadas, passos e eventos estranhos durante sua permanência no local. Além do cenário sombrio, algo que constantemente aparece em descrições no enredo, há um apontamento semântico para a morte, como Pell (1999) menciona:

O compromisso de Jane com a vida é tão forte que provavelmente esqueceremos quão profundamente este romance está permeado pela morte. Esses jovens amantes impetuosos, os pais de Jane, estão mortos antes do início da história. Metade das meninas de Lowood morre de febre tifoide, e Helen Burns morreu ali, nos braços de Jane, de tuberculose. Tanto a Sra. Reed quanto seu filho John morrem enquanto Jane trabalha em Thornfield Hall, John, um provável suicídio. (Pell, 1999, p. 404, tradução nossa).²²

Ainda que parte dessas mortes ocorram fora de Thornfield Hall, elas servem como uma espécie de alerta de que aquele ambiente que representaria uma suposta independência tem algo de estranho. Antes de chegarmos ao ápice, representado pela fuga de Jane, após saber da existência de uma primeira esposa de Rochester, o romance traz uma série de

²² No original: Jane's commitment to life is so strong that we are likely to forget how thoroughly this novel is pervaded by death. Those impetuous young lovers, Jane's parents, are dead before the opening of the story. Half of the girls at Lowood die of typhoid fever, and Helen Burns dies there, in Jane's arms, of consumption. Both Mrs. Reed and her son John die while Jane is employed at Thornfield Hall, John, a probable suicide.

elementos que nos fazem refletir sobre como as coisas na nova morada da protagonista estão em desarranjo:

Quando estava assim sozinha, não era raro ouvir o riso de Grace Poole: o mesmo som, o mesmo; ha! ha! baixo e lento que, quando o ouvi pela primeira vez, me tinha entusiasmado: Ouvi, também, os seus murmúrios excêntricos; mais estranhos do que o seu riso. (Brontë, 2020, p. 167, tradução nossa).²³

Pell (1999, p. 404) ainda menciona que, com esse pano de fundo, Jane enxerga a possibilidade da morte como algo muito real e, assim, observamos as estratégias de Jane para ter uma vida relevante. Após conhecer Rochester e ter passado um tempo na mansão, eles começam uma amizade e passam a gostar da companhia um do outro. Contudo, Jane acredita que não era digna de ter qualquer relação com Rochester, devido às suas condições financeiras. Ela pensa: “Ele não é de seu nível: mantenham-se na sua casta, e tenha demasiado respeito para com si própria para proteger o amor de todo o coração, alma e força, onde tal dádiva não é desejada e seria desprezada.”²⁴ (Brontë, 2020, p. 246-247, tradução nossa)

A passagem acima menciona as questões de casta, a dela seria inferior à dele devido ao desnível financeiro. Além disso, ela era empregada e não tinha quaisquer outras perspectivas. Resumidamente, caso aceitasse qualquer compromisso com seu patrão, ela seria totalmente dependente. Durante uma festa Rochester se veste de cigana para descobrir os sentimentos de Jane e durante o tempo dessa conversa surge o seguinte diálogo:

– Então tem alguma esperança secreta que a anime e a agrade com sussurros de futuro?
 – Eu não. O máximo que espero é poupar o suficiente do meu salário para abrir uma escola algum dia, numa casa que eu mesma possa alugar. (Brontë, 2020, p. 301, tradução nossa).²⁵

Apesar de viver de forma humilde e sempre a servir de alguma maneira, Jane guardava o sonho de ter sua própria escola e assim alcançar a sua independência. Ao longo do romance, vemos isso sendo posto à prova quando ela se vê no impasse entre seguir seus instintos ou seguir o coração e abdicar do que sempre almejou. Essa questão acontece após Rochester

²³ No original: When thus alone, I not unfrequently heard Grace Poole's laugh: the same peal, the same low, slow ha! ha! which, when first heard, had thrilled me: I heard, too, her eccentric murmurs; stranger than her laugh.

²⁴ No original: He is not of your order: keep to your caste, and be too self-respecting to lavish the love of the whole heart, soul, and strength, where such a gift is not wanted and would be despised.

²⁵ No original: ‘Then you have some secret hope to buoy you up and please you with whispers of the future?’
 ‘Not I. The utmost I hope is, to save money enough out of my earnings to set up a school some day in a little house rented by myself.’

declarar seus sentimentos e pedi-la em noivado, e então ela aceita. Contudo, a protagonista descobre durante seu casamento que Rochester na verdade já era casado há bastante tempo, o que tornaria a nova união ilegítima, caso acontecesse.

A esposa de Rochester, Bertha Mason, é uma mulher trancada no sótão de Thornfield Hall, por supostamente ser louca. O real quadro de saúde mental de Bertha nunca é detalhado, mas cabe trazer para discussão as ideias comentadas anteriormente por Gilbert e Gubar (2000), de que a loucura feminina, por muitas vezes, era apenas a mulher se portando em contrariedade aos caprichos masculinos.

Bertha é, portanto, uma espécie de alerta a Jane, que conhecendo a si própria como uma mulher com comportamentos diferentes da obediência tradicional, entende-se como uma possível louca trancada no sótão. A bigamia por parte de Rochester é apenas uma justificativa legal para a fuga de Jane do ambiente de Thornfield Hall, mas é importante mencionar como a conexão entre essas duas mulheres desperta em Jane a consciência de independência feminina. O passado de Bertha poderia vir a ser o futuro de Jane e, para uma mulher que desafiou aquilo que era esperado do papel feminino até então, estar nas garras de um homem capaz de trancafiar a própria esposa é uma impossibilidade.

Rochester, contudo, mantém o desejo de continuar com o romance entre eles, mesmo que fora de um casamento. Jane, então, se vê dividida entre o seu amor e seus princípios. Quando ele tenta de todas as maneiras persuadi-la, ela pensa em diferentes razões para seguir adiante, como nesse trecho:

Vou me manter fiel aos princípios que recebi quando estava sã, e não louca – como estou agora. Leis e princípios não são para momentos em que não há tentações: são para momentos como este, quando o corpo e a alma se revoltam contra o seu rigor; são rigorosos; invioláveis serão. (Brontë, 2020, p. 483, tradução nossa).²⁶

Após uma conversa difícil com Rochester, Jane decide sair da mansão para qualquer outro lugar que não fosse aquele, pois não poderia continuar trabalhando onde vivia seu amor e não queria depender dele para buscar outro meio para sustento. Jane passa algum tempo sem rumo até encontrar uma casa que a acolheu, uma família formada pelos irmãos Rivers, St. John, Diana e Mary. Depois de um tempo de convívio, St. John demonstra interesse amoroso por Jane que, mais uma vez, fica dividida entre casar-se ou não.

²⁶ No original: I will hold to the principles received by me when I was sane, and not mad—as I am now. Laws and principles are not for the times when there is no temptation: they are for such moments as this, when body and soul rise in mutiny against their rigour; stringent are they; inviolate they shall be.

Jane começa a trabalhar na aldeia natal dos Rivers como professora e depois de um tempo aparece um tio distante que destina uma herança para ela, tornando-a assim uma mulher independente. Com essa herança, descobre-se que Jane é prima dos Rivers.

Após um tempo, Jane recebe um chamado em sua mente e em seu coração para voltar para Rochester e ela realmente volta. A voz de Rochester se manifesta justamente no momento da decisão de casar-se ou não com o primo St. John. “– O que você ouviu? O que está vendo? – perguntou St. John./Eu não via nada, mas ouvi uma voz gritar, em algum lugar: “Jane! Jane! Jane!” – nada mais.” (Brontë, 2020, p. 640, tradução nossa)²⁷

Agora, com recursos financeiros, Jane pode seguir esse chamado do amor por Rochester, pois em caso de ser considerada louca, como fora Bertha, sua antecessora, ela teria formas para se manifestar como uma igual perante a figura masculina.

Quando retornou a Thornfield, Jane encontra um local totalmente diferente, pois, em sua ausência, Bertha colocou fogo na mansão e tudo foi praticamente destruído, ao tentar salvá-la Rochester perde a visão e parte de seu braço, ficando assim dependente de cuidados. No trecho abaixo, Jane narra como foi vê-lo a primeira vez após o incêndio:

A porta abriu-se lentamente: um vulto saiu para a penumbra e parou no degrau; um homem sem chapéu: estendeu a mão como se quisesse sentir se chovia. Mesmo penumbra como estava, pude reconhecê-lo; era o meu senhor, Edward Fairfax Rochester, ninguém mais. (Brontë, 2020, p. 657-658, tradução nossa).²⁸

O fato é que Jane só sentiu que podia ficar junto de Rochester quando ela detinha a sua independência, como ela menciona nesse trecho: “Que não existem para mim, senhor. Eu o amo mais agora, quando posso realmente lhe ser útil, do que no teu estado de orgulhosa independência, quando desagradava-lhe tudo menos o papel de doador e protetor” (Brontë, 2020, p. 679-680, tradução nossa)²⁹. Jane só aceitou viver seu casamento com Rochester quando ela deixou de ser quem precisava de cuidados e proteção. Ela tornou-se totalmente independente enquanto ele tornou-se alguém totalmente dependente.

Cabe salientar que o retorno de Jane serve a um duplo propósito. O primeiro é moral e de acordo com as normas sociais em circulação no século XIX, com uma mulher finalmente

²⁷“No original: What have you heard? What do you see?” asked St. John. I saw nothing, but I heard a voice somewhere cry— ‘Jane! Jane! Jane!’—nothing more.

²⁸ No original: It opened slowly: a figure came out into the twilight and stood on the step; a man without a hat: he stretched forth his hand as if to feel whether it rained. Dusk as it was, I had recognised him—it was my master, Edward Fairfax Rochester, and no other.

²⁹ No original: Which are none, sir, to me. I love you better now, when I can really be useful to you, than I did in your state of proud independence, when you disdained every part but that of the giver and protector.

tendo seu final feliz atrelado a um homem. Essa foi uma espécie de máscara, de isca utilizada para passar uma mensagem possível de ser captada em um nível de leitura que considera toda a trajetória da personagem em sua busca por independência. O segundo propósito é deixar nas entrelinhas o fato de que o retorno de Jane só foi possível por um equilíbrio de segurança que a nova situação financeira da protagonista e a nova incapacidade física de seu amado criaram, pois, neste cenário, era Jane que ditaria as regras.

A estratégia adotada por Brontë é bastante perspicaz, uma vez que não abala aquilo que seria esperado pelo público leitor da época, ao mesmo tempo que deixa a personagem feminina em posição de superioridade. Mesmo optando por uma vida de devoção a Rochester, Jane teria o poder de decidir sair de lá ou não em boas condições, uma vez que teria o dinheiro como seu aliado.

4 A REPRESENTAÇÃO FEMININA EM *WIDE SARGASSO SEA*

O enredo do romance começa durante um período conturbado na Jamaica, isso porque acontecia a abolição da escravidão. A família de Antoinette durante muito tempo teve o domínio de escravizados e que, conseqüentemente, após a libertação deles, passaria a enfrentar as tensões raciais da época. “Essas eram todas as pessoas da minha vida - minha mãe e Pierre, Christophine, Godfrey e Sass que nos deixou.” (Rhys, 1982, p. 20, tradução nossa) Pierre era o irmão mais novo de Antoinette, enquanto Christophine, Godfrey e Sass eram seus empregados. Por Christophine, Antoinette tinha um imenso apreço, considerando como uma amiga especial.

A grande questão da família de Antoinette era a morte do pai dela, que resultou em uma situação emocional e social complicada, porém sua mãe, Annette, decidiu se casar novamente com um homem chamado Mr. Mason que tinha vindo da Inglaterra. O casamento na visão de Annette seria a salvação de sua família, considerando que o futuro marido seria amparado financeiramente para reestruturar a família dela, o que de fato aconteceu.

Em um dos trechos do romance, Antoinette cita o que os libertos haviam feito com o cavalo de sua mãe:

Então, um dia, bem cedo, vi o cavalo dela deitado sob a árvore de frangipani. Fui até ele, mas ele não estava doente, estava morto e seus olhos estavam pretos de moscas.

Corri para longe e não falei sobre isso, pois pensei que se não contasse a ninguém, poderia não ser verdade. (Rhys, 1982, p. 16, tradução nossa).³⁰

Assim que se casou com Mr. Mason a mãe de Antoinette sempre deixou claro o desejo de ir embora de Colibri devido a forma como os libertos tratavam a sua família. No fragmento abaixo, em que Antoinette está assustada em seu quarto, ela mostra incômodo com Mason não levando a sério os medos da família: “O Sr. Mason ria se soubesse o quanto eu estava assustada. Ele ria ainda mais alto do que quando minha mãe lhe disse que queria deixar Colibri”³¹(Rhys, 1982, p. 28, tradução nossa). Esse era só o começo de uma série de ataques que terminou com a casa da família incendiada, a morte de seu irmão e o ápice da deterioração psicológica de sua mãe. Em outro trecho, Anette menciona o quanto os escravizados a odiavam, e Mason retruca da seguinte forma:

Anette, seja razoável. Você era viúva de um dono de escravos, filha de um dono de escravos, e você estava morando aqui sozinha, com dois filhos, por quase cinco anos quando nos conhecemos. As coisas estavam no pior momento então. Mas você nunca foi molestada, nunca foi machucada. (Rhys, 1982, p. 29, tradução nossa).³²

Anette sentia que eles deviam ir embora devido à hostilidade dos ex-escravizados, porém como não havia acontecido nada tão grave, seu marido mantinha a ideia de continuar morando lá. E então aconteceu de colocarem fogo em Colibri: “A casa estava queimando, o céu amarelo-avermelhado parecia um pôr do sol e eu sabia que nunca mais veria Colibri”³³(Rhys, 1982, p. 40-41, tradução nossa). Podemos observar o quanto a arrogância do homem inglês afeta as personagens femininas desse romance desde o começo, pois Mason não escutou as opiniões de Anette sobre o assunto.

Com a fragilidade emocional, o incêndio na casa de Colibri e a morte do seu filho, Anette é mantida afastada por Mason e depois encontrou-se em um estado de loucura e abandono. Ainda segundo Gilbert e Gubar (2000);

Do ponto de vista masculino, as mulheres que rejeitam os silêncios submissos da domesticidade têm sido vistas como objetos terríveis - Górgonas, Sereias, Cilas, Lâmbias-serpentes, Mães da Morte ou Deusas da Noite. Mas do ponto de vista

³⁰ No original: Then one day, very early, I saw her horse lying down under the frangipani tree. I went up to him but he was not sick, he was dead and his eyes were black with flies. I ran away and did not speak of it for I thought if I told no one it might not be true.

³¹ No original: Mr Mason would laugh if he knew how frightened I had been. He would laugh even louder than he did when my mother told him that she wished to leave Coulibri.

³² No original: Annette, be reasonable. You were the widow of a slave- owner, the daughter of a slave-owner, and you had been living here alone, with two children, for nearly five years when we met. Things were at their worst then. But you were never molested, never harmed.

³³ No original: The house was burning, the yellow-red sky was like sunset and I knew that I would never see Coulibri again.

feminino, a mulher monstro é simplesmente uma mulher que busca o poder de auto-articulação e, portanto, como Mary Shelley contando a história em primeira pessoa de um monstro que parecia ao seu criador ser apenas uma “massa imunda” que se move e fala”, apresenta pela primeira vez esta figura de dentro para fora. (Gilbert, Gubar, 2000, p. 79, tradução nossa).³⁴

Podemos levar em conta as ideias das autoras quando pensamos no que seria a loucura do ponto de vista masculino. Em *Wide Sargasso Sea*, temos duas personagens que são tachadas de loucas devido ao seu descontrole emocional, mas não se leva em conta a sucessão de acontecimentos que puseram as mulheres em fragilidade.

A mãe de Antoinette é mantida sob tutela de outros escravizados, porém o que a teria levado ao desequilíbrio não é levado em consideração pelas pessoas de seu convívio. As mulheres da época tinham que seguir comportamentos submissos ou, do contrário, eram consideradas criaturas terríveis. Ambas mãe e filha no romance *Wide Sargasso Sea* passam por isso, são subjugadas apenas por seus comportamentos e não pelas motivações.

Em *Wide Sargasso Sea* podemos ver o foco narrativo sendo dividido entre Antoinette e o seu marido sem nome (o qual claramente é uma referência ao Rochester de *Jane Eyre*, uma vez que os dois romances compartilham de personagens em comum, como Grace Poole, por exemplo). Se na primeira parte temos a visão da protagonista feminina, a segunda parte começa pela visão masculina, relatando eventos posteriores ao casamento de Antoinette com o Rochester sem nome. Durante a lua de mel, o narrador homodiegético menciona como se deu o casamento:

Olhos longos, tristes e escuros de alienígenas. *Creole* de pura ascendência inglesa ela pode ser, mas eles também não são ingleses ou europeus. E quando comecei a notar tudo isso sobre minha esposa Antoniette? Depois que saímos de Spanish Town, eu acho. Ou eu percebi antes e me recusei a admitir o que vi? Não que eu tivesse muito tempo para notar alguma coisa. Eu me casei um mês depois de chegar à Jamaica e por quase três semanas nesse tempo fiquei de cama com febre. (Rhys, 1982, p. 61, tradução nossa).³⁵

Mesmo sendo homem e estando em posição de poder, um dos artifícios utilizados para mostrar a independência e superioridade feminina é o de deixar o marido sem nome. Como dito acima, conseguimos resgatar o fato de esse marido ser o Rochester de *Jane Eyre* por uma

³⁴ No original: From a male point of view, women who reject the submissive silences of domesticity have been seen as terrible objects-Gorgons, Sirens, Scyllas, serpent-Lamias, Mothers of Death or Goddesses of Night. But from a female point of view the monster woman is simply a woman who seeks the power of self-articulation, and therefore, like Mary Shelley giving the first-person story of a monster who seemed to his creator to be merely a "filthy mass that moves and talks," she presents this figure for the first time from the inside out.

³⁵ No original: Long, sad, dark alien eyes. Creole of pure English descent she may be, but they are not English or European either. And when did I begin to notice all this about my wife Antoniette? After we left Spanish Town I suppose. Or did I notice it before and refuse to admit what I saw? Not that I had much time to notice anything. I was married a month after I arrived in Jamaica and for nearly three weeks of that time I was in bed with fever.

leitura comparada. O nome é um sinal de identidade e mesmo nas partes narradas pela personagem masculina, seu nome é apagado. Podemos conjecturar, portanto, que ter um Rochester sem nome serve a um duplo propósito. Por um lado, é uma demonstração de superioridade feminina, como argumentado acima. Contudo, por ser dono do foco narrativo da segunda parte do romance, a personagem masculina nos é vendida como emasculada, o que tem por intenção gerar uma espécie de empatia pelo homem que se vê completamente sobrecarregado pelo ambiente não-europeu de sua esposa. Pode ser visto, também, como um artifício da autora não necessariamente utilizado para questionar o lócus das mulheres no sistema patriarcal, que é de inferiorização e marginalização.

Como o futuro de Antoinette como a Bertha de *Jane Eyre* já está definido um século antes do lançamento da obra de Jean Rhys, podemos concluir que o romance traz em sua narrativa as estratégias masculinas para se livrar da independência feminina. O casamento foi rápido e vantajoso para o marido de Antoinette, tanto que há um momento do romance em que a protagonista feminina encontra-se em dúvida sobre continuar ou não o noivado e o Rochester sem nome age de forma a persuadi-la a continuar o casamento, considerando o fato de não querer ser rejeitado: “Não gostaria de voltar para a Inglaterra no papel de pretendente rejeitado e abandonado por uma garota *creole*.”³⁶(Rhys, 1982, p. 71, tradução nossa)

A todo momento, o personagem masculino, envolvido em preconceitos, se preocupava com o fato de não gostar tanto de Antoinette, como neste outro trecho em que ele enfatiza ter sido um casamento arranjado; “E a mulher é uma estranha. Sua expressão suplicante me irrita. Eu não a comprei, ela me comprou, ou assim ela pensa.”³⁷ (Rhys, 1982, p. 63, tradução nossa). O fato é que ele se sentia como uma mercadoria e não tinha afeto algum pela mulher que daria a ele uma vida mais próspera.

Antoinette estava em uma posição de poder sobre ele devido a estar em suas terras, sua casa e em seu país. O Rochester sem nome, apesar de ser homem, encontrava-se em uma posição inferior. Desde o começo ele não gostou da casa e do lugar onde eles iriam ficar após o casamento, tanto que Antoinette o questiona; ‘Você não gosta daqui? Este é o meu lugar e tudo está do nosso lado.’³⁸(Rhys, 1982, p. 67, tradução nossa)

Antoinette sentia-se livre em uma geografia conhecida, porém seu marido após um tempo decidiu ir para suas terras de origem, a Inglaterra. Ao longo do romance ele fala sobre o comportamento dela ser diferente das moças da Inglaterra e isso o incomodava e o fato de a

³⁶ No original: I did not relish going back to England in the role of rejected suitor jilted by this creole girl.

³⁷ And the Woman is a stranger. Her pleading expression annoys me. I have not bought her, she has bought me, or so she thinks.

³⁸ No original: 'Don't you like it here? This is my place and everything is on our side.

mãe dela ter histórico de ser louca fez com que ele a todo momento demonstrasse a própria Antoinette que ela também era, mesmo que não fosse. “É debilitante ser qualquer mulher numa sociedade onde as mulheres são avisadas de que, se não se comportarem como anjos, serão monstros.”³⁹ (Gilbert; Gubar, 2000, p. 53, tradução nossa)

A loucura no enredo desse romance é como uma espécie de construção social, na qual os homens conseguiam exercer controle sobre os corpos femininos. E o Rochester sem nome foi o grande precursor tornando a personalidade louca de Antoinette algo vitalício. “Eu não a amava. Eu tinha sede dela, mas isso não é amor. Eu sentia muito pouca ternura por ela, ela era uma estranha para mim, uma estranha que não pensava ou sentia como eu”⁴⁰ (Rhys, 1982, p. 85, tradução nossa). Após o casamento, Rochester passou a demonstrar toda sua falta de amor com a esposa, e mesmo que Antoinette tentasse nada era suficiente para agradá-lo. Ele passa a chamá-la de Bertha e a tratar de maneira indiferente, o que culmina para seu estado emocional totalmente abalado.

A troca de nome da esposa marca o início de um movimento de retomada do poder masculino. Mesmo o Rochester sem nome nunca tendo o nome grafado em *Wide Sargasso Sea*, ele rebatizou sua esposa e a retirou de seu local de criação, onde ela tinha a vantagem. Chegando na Inglaterra, ele passa a mantê-la presa e sem nenhuma perspectiva de vida agradável e, então, Antoinette transforma-se, deixando de ser uma mulher livre e independente e passando a assumir o papel de “louca trancada no sótão”.

Os temas centrais que envolvem as personagens femininas desse romance são o casamento e a loucura, é importante observar que a loucura tanto em Antoinette quanto em sua mãe surgiu após o casamento. Portanto, as figuras masculinas são responsáveis por uma percepção da mulher como seres fora da norma.

Outra constatação é o fato de que o casamento na época representada no livro era a chave para questões econômicas, tendo em vista que Anette mãe de Bertha casa-se uma segunda vez para se restabelecer, e o personagem masculino que chega da Europa e casa-se com Bertha para adquirir a própria fortuna.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O DESTAQUE AO FEMININO INDEPENDENTE

³⁹No original: It is debilitating to be any woman in a society where women are warned that if they do not behave like angels they must be monsters.

⁴⁰No original: I did not love her. I was thirsty for her, but that is not love. I felt very little tenderness for her, she was a stranger to me, a stranger who did not think or feel as I did.

Jane e Bertha entrecruzam-se principalmente pelo envolvimento de ambas com o personagem Rochester, mas além disso, elas se igualam em outras características. Uma delas é a infância traumática que faz parte de ambos os enredos, Jane, órfã, sofre com o abandono de sua tia e sua vida difícil em Lowood; Bertha sofre, também, com a degradação de sua família. Reforçamos que a “louca do sótão” pode ser interpretada até mesmo como um duplo de Jane, como uma personalidade reprimida ou uma lembrança constante dos erros do passado de Rochester. O fato é que assim como Jane, Bertha tinha seus sonhos e buscava seu caminho rumo à maturidade, porém isso foi tirado dela quando seu marido passa a dominar tudo relacionado a sua vida. Portanto, a Antoinette transformada em Bertha é um aviso constante do que poderia acontecer com Jane.

Ao fim do romance *Wide Sargasso Sea*, Rochester leva Bertha para viver na Inglaterra e a sua independência passa a ser ligada somente a ele. Sua vida até o final seria controlada por aquele homem e viveria sem nenhuma perspectiva de mudança vivendo trancada em um cômodo de sua mansão e, então, sua natureza mais brutal é exposta como último recurso de defesa e vingança.

Jane, por outro lado, teve como escolher, desde quando colocou o anúncio no jornal em busca de emprego, ela estava sendo guiada pelos seus próprios instintos e foi em busca dessa jornada sozinha. Quando surge a ideia de um casamento com Rochester e ela descobre a primeira esposa, ela pode escolher o seu destino entre ir embora sozinha ou tentar um casamento fadado ao fracasso.

O principal fato que fez com que Rochester se desagradasse do casamento com Antoinette/Bertha era o comportamento diferente da esposa, e isso se dava por ela ter um temperamento oposto ao das mulheres europeias. Na verdade, ela era uma mulher que se impunha, levando em consideração suas vontades e desejos, ao contrário do padrão de feminilidade amável e omissa.

Durante a leitura de *Wide Sargasso Sea*, a figura do marido sem nome tem algumas atitudes que transformam o casamento e a personalidade de sua esposa ruim, como notamos em: “Quando ele passa pela minha porta, ele diz: ‘Boa noite, Bertha’. Ele nunca mais me chamou de Antoinette. Ele descobriu que era o nome da minha mãe.”⁴¹(Rhys, 1982, p.103, tradução nossa). Rochester criou uma personalidade própria para sua esposa, vinculando-a somente ao seu lado ruim, que de mostrava dependendo das situações, ele a provocava e ela tinha um temperamento explosivo.

⁴¹No original: When he passes my door he says, ‘Goodnight Bertha’. He never calls me Antoniette now. He has found out it was my mother’s name.

O marido também menciona: “Ela disse que amava este lugar. E esta é a última vez que ela o verá” (Rhys, 1982, p.150, tradução nossa). Viver em seu lugar de origem era uma das poucas alegrias de Antoinette e, como exposto anteriormente, ele sabia que estava tirando aquilo dela. Antoinette confidenciou muitas de suas inseguranças e sua história para o homem que deveria amá-la e protegê-la, o que torna o amor de casal uma via de mão única.

Em vez de proteger Antoinette, o marido usou as inseguranças de sua esposa para controlar sua independência. Ao final da narrativa, quando ele a leva embora, podemos constatar que Antoinette não imaginava que ficaria eternamente presa no sótão:

Por qual razão? Deve haver uma razão. O que é que eu devo fazer? Quando cheguei, pensei que seria por um dia, dois dias, uma semana talvez. Pensei que quando o visse e falasse com ele, eu seria sábia como uma serpente, inofensiva como pombas. "Eu te dou tudo o que tenho livremente", eu dizia, 'e não vou incomodá-lo novamente se você me deixar ir'. Mas ele nunca veio. (Rhys, 1982, p.161, tradução nossa)⁴²

O fato é que o marido sem nome não deu uma oportunidade para que Antoinette pudesse exercer sua liberdade como devia, em vez disso ele a manteve sob sua tutela, mesmo que sem nenhum interesse. O ato final pela busca de sua liberdade é ela ateando fogo em Thornfield, com maiores consequências narrativas não em *Wide Sargasso Sea*, mas em *Jane Eyre* e, dessa forma, declarando que o poder que ele tinha sobre ela, naquele momento, estava acabado, um laço finalmente cortado pela própria prisioneira.

No romance de Charlotte Brontë, a protagonista Jane chega à mansão de Thornfield Hall com um único objetivo: seu novo trabalho. Ser uma preceptora era para ela o único vislumbre de mudança que poderia ter após anos vivendo no mesmo lugar. Ao longo da narrativa, ela e Rochester desenvolvem o romance diariamente e sem que ela soubesse das sombras de seu passado. Para Jane, tudo era como uma história perfeita e, finalmente, ela tinha encontrado um combustível diferente da liberdade, que seria o amor romântico. “Meu futuro marido estava se tornando para mim meu mundo inteiro; e mais do que o mundo: quase minha esperança do céu.”⁴³(Brontë, 2020, p.418, tradução nossa)

Acontece que o casamento perfeito do porvir termina quando ela descobre sobre o casamento de Rochester com Bertha/Antoinette e todos os sentimentos que ela sente por ele são colocados a prova, com Jane passando a lutar para manter seus princípios, decidindo

⁴²No original: For what reason? There must be a reason. What is it that I must do? When I first came I thought it would be for a day, two days, a week perhaps. I thought that when I saw him and spoke to him I would be wise as serpents, harmless as doves. 'I give you all I have freely,' I would say, 'and I will not trouble you again if you will let me go. But he never came.

⁴³No original: My future husband was becoming to me my whole world; and more than the world: almost my hope of heaven.

deixar a mansão e seguir mesmo que sem um destino aparente; “Sim, sinto que estava certa quando me mantive fiel aos princípios e à lei, e desprezei e esmaguei os impulsos insanos de um momento frenético. Deus conduziu-me a uma escolha correta: agradeço à sua providência pela orientação! (Brontë, 2020, p.548, tradução nossa)”.⁴⁴

Na citação acima, Jane dá ênfase ao fato de ter ignorado os impulsos do momento após a descoberta que Rochester era um homem casado. Ele tenta a todo custo persuadir Jane a viver com ele, mesmo que sem o casamento. Para algumas mulheres, o destino de viver sendo cuidada por um homem, mesmo que fora dos princípios da lei, seria vantajoso, ainda mais para uma mulher como Jane, que não tinha muitos recursos. Apesar de seu amor e das propostas tentadoras ela vai embora. A existência de Antoinette, agora Bertha, serve também como um alerta para Jane, após o casamento e a descoberta ela pode perceber que aquele destino danoso poderia se repetir com ela.

O incêndio na mansão, o ato final de desespero da mulher presa no sótão, faz com que Rochester perca a visão e parte do braço. Jane recebe uma herança e volta em busca de Rochester para que então eles finalmente possam viver juntos. Ao fim de tudo, Jane retorna como uma mulher de posses, o que enfatiza que sua segurança não está necessariamente no amor, mas na possibilidade de estar de igual para igual com Rochester. O fato de Rochester estar debilitado também é fundamental, pois o polo de dependência se inverte, com Jane sendo a responsável por seus cuidados. Contrariando muitos outros romances em que o herói masculino é exaltado, em *Jane Eyre* temos a mulher terminando a história em vantagem: “Sua nova e aparentemente telepática comunhão com Rochester, que muitos críticos consideraram desnecessariamente melodramática, foi possível graças à sua nova independência e à nova humildade de Rochester”⁴⁵(Gilbert; Gubar, 2000, p. 367, tradução nossa).

A forma como essa vantagem é exposta é sutil, pois devemos nos lembrar dos contextos de publicação e circulação da época. O que torna *Jane Eyre* um romance genial é o fato de que o discurso da vantagem feminina obtém circulação, mascarado por um pretenso final feliz romântico.

Em *Wide Sargasso Sea*, Antoinette, apesar de uma infância difícil, teve boas condições de vida em sua fase adulta. Sua independência durou até o seu casamento, no qual os direitos de seu marido eram mais relevantes que os dela. Apesar de haver a opção de deixar Antoinette

⁴⁴ No original: Yes; I feel now that I was right when I adhered to principle and law, and scorned and crushed the insane promptings of a frenzied moment. God directed me to a correct choice: I thank His providence for the guidance!

⁴⁵ No original: Her new and apparently telepathic communion with Rochester, which many critics have seen as needlessly melodramatic, has been made possible by her new independence and Rochester's new humility.

viver uma vida longe dele, Rochester mantém a ideia de deixá-la presa a ele para sempre, como neste trecho, em que ele menciona o quanto ela é tola de ainda desejar o amor: “Criatura vã e tola. Feita para amar? Sim, mas ela não terá amante, pois eu não a quero e ela não verá outro homem.”⁴⁶(Rhys, 1982, p.150, tradução nossa)

Nas últimas páginas de *Wide Sargasso Sea* temos a visão de Antoinette após muito tempo vivendo na mansão, em um desses momentos ela sonha colocando fogo em Thornfield e ao acordar ela menciona; “Agora finalmente sei por que fui trazida para cá e o que tenho que fazer.”⁴⁷ (Rhys, 1982, p.171, tradução nossa) E então ela cumpriu sua jornada de liberdade, ainda que marcada por morte e vingança.

6 REFERÊNCIAS

BRONTE, Charlotte. **Jane Eyre**. Planet Ebooks: New York, 2020. In: <https://www.planetebook.com/free-ebooks/jane-eyre.pdf>. Acesso em 14 de Agosto de 2024.

GILBERT, Sandra M.; GUBAR, Susan. **The madwoman in the attic: the woman writer and the nineteenth-century literary imagination**. New Haven: Yale University Press, Subsequent edição, 2000.

GROSSEL, Amanda Karine; SOUZA, Maurini de. Literatura de autoria feminina como ferramenta de reivindicação social da mulher. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 38, p. 396-418, jan.-abr. 2022.

MARDOROSSIAN, Carine. Shutting Up the Subaltern: Silences, Stereotypes, and Double-Entendre in Jean Rhys's *Wide Sargasso Sea*. **Callaloo**, September 1999.

NAYAR, Pramod K. **Contemporary and Literary Cultural Studies: from structuralism to ecocriticism**. New Dheli: Pearson, 2010.

PELL. Nancy. Resistance, rebellion, and marriage: The economics of Jane Eyre. **Nineteenth-Century Fiction**, Vol.31, No. 4 (Mar., 1977), pp. 397-420 (24 pages)

PIVETTA DE OLIVEIRA, Rejane. Pesquisa literária em foco: tendências, possibilidades e impasses. *Nonada: Letras em Revista*. Porto Alegre. Setembro de 2009. In: <https://www.redalyc.org/pdf/5124/512451678003.pdf>. Acesso em 22 de Outubro de 2024.

RHYS, Jean. **Wide Sargasso Sea**. London: Penguin, 1982.

⁴⁶ No original: Vain, silly creature. Made for loving? Yes, but she'll have no lover, for I don't want her and she'll see no other

⁴⁷No original: Now at last I know why I was brought here and what I have to do.